

LAZER, SKATE E ESCOLA: questões que perpassaram o cotidiano de uma escola pública de ensino fundamental de Cuiabá

LEISURE, SKATEBOARDING AND SCHOOL: issues that permeated the daily life of a public elementary school in Cuiabá

ARTIGO

Ana Carrilho Romero Grunennvaldt¹
Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT
E-mail: anacarrilho12@yahoo.com.br

Geander Franco de Araujo
Secretaria de Estado de Educação - SEDUC/MT
E-mail: geanderfranco@gmail.com

José Tarcísio Grunennvaldt
Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT
E-mail: jotagrun@hotmail.com

RESUMO:

O presente trabalho aborda o *skate* como conteúdo de uma intervenção pedagógica de uma escola da rede pública estadual nos anos finais do ensino fundamental de Cuiabá/MT em colaboração com o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência) Educação Física da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Campus Cuiabá. As práticas pedagógicas desse processo foram registradas em portfólio pelos bolsistas do PIBID, no qual foram narradas as experiências vividas e desenvolvidas. Alguns recortes desse cenário foram evidenciados no texto: a) o envolvimento/interesse dos alunos com a prática esportiva do *skate*; b) a participação das mulheres nas práticas de aventuras, em especial, do *skate* no Brasil; c) os espaços públicos do município de Cuiabá-MT para prática esportiva e de lazer do *skate*. Os alunos observam a escola como espaço de aprendizado e prática do *skate* e na cidade de Cuiabá, a necessidade de oferecer espaços públicos de lazer que acolham e estimulem as alternativas criativas, como as sinalizadas pelo *skate*, com seus equipamentos específicos da sua prática esportiva, tornando acessível a sua utilização e divulgação das suas múltiplas manifestações corporais e interações culturais.

Palavras-chave: Skate. Escola. Ensino Fundamental.

ABSTRACT:

The present work addresses skateboarding as the subject of a pedagogical intervention in a state public school during the final years of elementary education of Cuiabá/MT, in collaboration with the Physical Education Institutional Scholarship Program (PIBID) of the School of Physical Education at the Federal University of Mato Grosso, Campus Cuiabá. The pedagogical practices of this process were documented in a portfolio by PIBID scholars, in which the lived and developed experiences were narrated. Some highlights of this scenario were emphasized in the text: a) the students' involvement/interest in the sport of skateboarding; b) the participation of women in adventure sports, especially skateboarding in Brazil; c) the public spaces in the municipality of Cuiabá-MT for sports and leisure activities related to skateboarding. Students perceive the school as a space for learning and practicing skateboarding, and in the city of Cuiabá, there is a need to provide public leisure spaces that embrace and encourage creative alternatives, such as those highlighted by skateboarding, with specific equipment for its sport, making its use accessible and promoting the dissemination of its multiple bodily expressions and cultural interactions.

Keywords: Skateboarding. School. Elementary Education.

Editor:
Dr. João Batista Lopes da Silva
Universidade do Estado de Mato Grosso
e-mail: revistaedu@unemat.br



1 INTRODUÇÃO

A prática do *skate* favorece a aquisição de domínios motores, destacando as habilidades de equilíbrio e da força, no entanto até o presente momento, há poucos estudos sobre intervenções com a prática esportiva do *skate* nas escolas. Nesse sentido, apresentamos nesse trabalho discussões geradas a partir das intervenções promovidas em uma escola da rede pública estadual nos anos finais do ensino fundamental do município de Cuiabá/MT. Tais ações aconteceram em colaboração com o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) Educação Física da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Campus Cuiabá.

O interesse pela temática *skate* foi aflorado inicialmente no ano de 2021 pela repercussão e inquietações dos alunos na escola com a entrada do *skate* no Programa Olímpico de Tóquio 2020, sinalizando a necessidade da abordagem das práticas corporais de aventura para os alunos. Lembramos que na ocasião uma das questões mais debatidas foi a participação das mulheres nesse esporte e o reconhecimento midiático do desempenho vitorioso das nossas atletas no evento, assim sendo, um ponto dessa pauta foi também a representação social desse esporte no universo feminino.

As indicações da Base Nacional Comum Curricular (2017) da componente curricular Educação Física para os anos finais do ensino fundamental foi o outro mote desse debate. Essas apresentam como unidade temática as práticas de aventura, sinalizam que as aulas promovam a exploração de “expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador” (p.218).

A proposta estabelecida pelo documento é um desafio para a formação inicial e continuada dos professores de Educação Física no sentido de pensar subsídios adequados para o desenvolvimento de uma prática pedagógica alinhada com essa perspectiva, mas devemos considerar que a maioria dos cursos de Licenciatura em Educação Física ainda estão em estágio de implantação em seus currículos de disciplinas que tratem desse conteúdo. A estrutura física das escolas públicas brasileiras também não oferece às condições apropriadas para realização de atividades que estimulem e suscitem essas práticas nas escolas.

Nesse texto abordaremos duas questões que perpassam essa intervenção: a) a escola como primeiro lugar de interação do aluno com as práticas de aventuras, e essas sendo conteúdo da cultura corporal de movimento; e b) debates e os entendimentos promovidos no ambiente escolar sobre possibilidades de práticas e espaços de lazer nas cidades, os espaços disponíveis para essas práticas de aventuras no município de Cuiabá.

2 SKATE – CONTEÚDO ESCOLAR E PRÁTICA DE LAZER

Ainda persiste no plano cultural das práticas esportivas a ideia de que “poucas atividades podem ser consideradas como ‘femininas’” (Marcelino, 2006, p.34). Isso implica em um entendimento que no terreno do lazer para às mulheres, fica difícil a participação em algumas programações, modalidades e/ou possibilidades. Por certo, estas prescritas pelos padrões culturalmente estabelecidos. De modo que autor assevera:

A acentuação das diferenças já começa a partir da infância – instrumentaliza o lazer para o aprendizado de papéis diferenciados entre os sexos, incentivando determinados estereótipos que os adultos têm na percepção dos comportamentos e características infantis (Marcelino, 2006, p.34).

Dessa construção, resulta que meninos são vistos com interesses em aventuras fora de casa, com ênfase na competição e agressividade, já as meninas são estereotipadas pela preocupação em ajudar, interesse na vida familiar e, também, como fossem dependentes. Isso posto, tal representação cultural se manifesta nas várias esferas de atuação, dentre as quais, o campo do lazer e da educação.

Tendo em vista esse plano culturalmente estabelecido por Marcelino (2006), é primordial que a escola estabeleça tensões/confrontos com visões de mundo previamente postos com a realidade de práticas esportivas cotidianas, ou ainda, representações dessas

práticas(*skate*) que alunos(as) possuem sobre essa manifestação.

Assim, cabe a escola, papel de destaque na reconstrução de representações ético, estético e políticas, sendo que, novas possibilidades de práticas esportivas e de lazer, permitam a incluir meninos e meninas. Nesse aspecto, as concepções pré vulgares¹ trazidas pela criança anteriormente a sua entrada à escola pode ser questionada e reelaborada a partir de uma visão mais inclusiva de esporte/lazer, visando a construção de uma sociedade equitativa. Essa é a função educativa da escola que segundo, Pérez Gómez (1998) é fundamental para se quebrar preconceitos a partir de dois eixos complementares de intervenção, quais sejam:

- Organizar o desenvolvimento radical da função compensatória das desigualdades de origem, mediante a atenção e o respeito pela diversidade.
- Provocar e facilitar a reconstrução dos conhecimentos, das disposições e das pautas de conduta que a criança assimila em sua vida paralela e anterior à escola. (...) preparar os alunos/as para pensar criticamente e agir democraticamente numa sociedade não democrática (p.22).

Assim, cabe à escola, não somente diante dos conteúdos com respostas para problemas operacionais do cotidiano da prática do trabalho e de prosseguimento de estudos (Português, Matemática e Ciências), mas também no tocante ao entendimento do esporte/lazer, desenvolver radicalmente a função compensatória dela própria, a escola. Diante da tensão dialética da reprodução/mudança, a função específica da escola é a utilização do conhecimento, que é social e historicamente construído e condicionado como ferramenta de análise para compreender, para além do *status quo* real, para auxiliar os alunos/as terem espaço de autonomia para quebrar com preconceitos ideológicos condicionados que a sociedade lhes empresta, quando não determina.

Diante do tensionamento entre a função de socialização e de função educativa da escola (Pérez Gómez, 1998), como a instituição tem se colocado diante dessa realidade desafiadora e, “historicamente” determinada, a de reproduzir(socialização), mas transcender a essa função institucional necessária, para a reconstrução crítica do conhecimento e da experiência.

Eis aí, a função social da Universidade no âmbito da formação humana de quadros capazes de perceber que a realidade das escolas em que os futuros professores irão atuar é viva, tensa e contraditória.

Em vista da dinâmica apontada, algumas ações foram pensadas e desenvolvidas pela Faculdade de Educação Física da UFMT, com seus acadêmicos e parceiros da rede de ensino procurando-se alternativas às problemáticas com as quais tem se deparado na operacionalização do Programa de Bolsas do PIBID. As intervenções pedagógicas aqui relatadas aconteceram numa escola estadual da rede pública na cidade de Cuiabá-MT nos anos finais do Ensino Fundamental. As turmas tinham a colaboração dos bolsistas do PIBID de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso. As práticas pedagógicas desse processo eram registradas em portfólio pelos bolsistas, no qual eram narradas as experiências vividas e desenvolvidas.

Aqui trazemos recortes desse relato para nossa discussão, bem como as leituras sobre a temática das práticas corporais de aventura no contexto escolar que naquele momento configuram como interlocução das questões que envolveram esse cenário. Um ponto evidenciado é o relato da turma do 8º ano no ano de 2021, no qual 37 alunos foram inqueridos sobre se praticavam ou conheciam alguém que praticava a modalidade *skate*. O resultado obtido foi: 11 alunos (29,7%) já praticaram a modalidade em alguma circunstância, e 26 alunos (70,3%) nunca tinham praticado, mas desses muitos se demonstravam interessados e conjecturava um dia ter o envolvimento com universo dessa prática esportiva, caso tivesse condições favoráveis para a materialização dessa escolha.

Alves (2021) corrobora com a discussão sobre o *skate* na escola, relata as possibilidades de uma intervenção colaborativa com o *skate* na educação física escolar.

¹ Para Pérez Gómez(1998, p.25) somente a escola pode cumprir a função da “reconstrução do conhecimento e da experiência”. Pois cabe a ela, provocar e facilitar a reconstrução dos conhecimentos, de atitudes, de formas de condutas que os alunos assimilam “acriticamente nas práticas sociais da sua vida anterior e paralela à escola”.

Aponta algumas questões relevantes a serem observadas na vivência com o *skate* nas aulas de Educação Física, evidenciando que no processo são percebidas algumas dificuldades com a prática/execução nas aulas, mas que mesmo diante das limitações encontradas, o desejo e o prazer de praticar/experimentar o *skate* não é menor.

Ao mesmo tempo em que se nota o prazer dos alunos quando inseridos na experiência da prática do *skate*, é percebido a distância desse conteúdo nos currículos ao evidenciar a dificuldade dos alunos com a prática.

A pouca vivência com o *skate* nas aulas de Educação Física na escola pode ser refletida pela escassez de produção científica na área. Sobre essa realidade pesquisas sobre o estado da arte das Práticas Corporais de Aventura (PCA) na escola, tem inferido que os resultados das publicações sobre PCA nos periódicos científicos são inexpressivos, quando se trata de PCA na escola, o estudo evidenciou que foram identificados “10 trabalhos que retratam (de maneira teórica e/ou prática) a relação entre as PCA e a Educação Física escolar” num total de 6464 dentro de um recorte temporal de 2005 até 2017 (Tahara; Soares; Darido, 2018, p.100).

Outra evidência observada nesse contexto, reflete a participação das mulheres nas práticas de aventuras. É um recorte que queremos pontuar. Os alunos foram indagados sobre a participação das mesmas, nosso caso das meninas, na prática do *skate* no Brasil. Como resposta, obtivemos que grande parte considera interessante terem meninas na modalidade e que isso repercute na construção da auto estima na representação das mulheres nas práticas esportivas e apenas um aluno não teve opinião sobre o assunto.

Diante dessa realidade, a vivência nas práticas de aventura como atividades esportivas precisa ser vista a partir da premissa que “ensinar a prática de aventura a todos” é perceber as individualidades e possibilitar que todos experimentem e vivenciem cada contexto da prática sem fazer distinção de melhores habilidosos, ou de meninos e meninas. Dessa forma, ensinar bem a prática de aventura a todos, ensinar a gostar de esporte ou da prática de aventura, ensinar mais que esporte ou prática de aventura. As práticas e os aprendizados só serão efetivos, se passarem pelo prazer de fazer certa atividade (Freire, 2003).

A questão da falta de incentivo/apoio para as mulheres/meninas na modalidade esportiva *skate* também foi sinalizada pelos alunos. No contraponto foi ponderada uma perspectiva, na qual os alunos naquele momento observavam uma circunstância factual de impacto nesse contexto, que era a obtenção da medalha de prata da atleta Rayssa Leal nos Jogos Olímpicos 2020. A visualização e reconhecimento dos seus méritos atléticos eram vistos como uma possibilidade de impactar essa realidade. O esporte é um espaço que pode refletir os avanços da participação da mulher na sociedade, mesmo que essa participação muitas vezes seja fruto da trajetória individual de esforços da atleta, Goellner (2006) considera esse cenário pelo contexto do esporte no Brasil:

Assim, se o esporte se traduz como um importante elemento para a promoção de uma maior visibilidade das mulheres no espaço público e se, ao longo da história do esporte nacional, houve a projeção de vários talentos esportivos femininos, vale registrar que essas conquistas resultam muito mais do esforço individual e de pequenos grupos de mulheres (e também de homens) do que de uma efetiva política nacional de inclusão das mulheres no âmbito do esporte e das atividades de lazer. Enfim, ainda que há muito tempo muitas delas protagonizam histórias no mundo do esporte, em se tratando de Brasil há, sim, um mundo a se fazer (Goellner, 2006, p. 97).

Da citação depreende-se que nem todos esforços generalizantes são eficazes no sentido de resultados imediatos, fato é que em muitos casos de talentos de projeção esportiva são fruto de interesse e dedicação individual. A exemplo da participação política, nas relações dos espaços do mundo do trabalho entre outros lugares de ocupações de homens e mulheres, apesar do estímulo da equidade, evidencia-se que longo e lento é o caminho para a reconstrução do equilíbrio almejado.

As discussões com os alunos em torno da participação das mulheres nos jogos olímpicos nos permitiram compreender o quanto a representação do esporte é relevante para meninos e meninas, identificando a potência da atuação de uma atleta num esporte de práticas radicais, o *skate*, bem como a desenvoltura de uma mulher de buscar na sua trajetória o alcance de seus objetivos e sonhos num lugar incomum, mas que pela sua determinação e talento pode ser possível.

Durante a intervenção podemos observar o reconhecimento dos alunos quanto à popularização das práticas de aventuras no seu entorno, em específico do *skate*, trazendo-se a seguinte questão: Deve a escola elaborar estratégias para ensinar e avaliar velhos e novos objetos de ensino em uma perspectiva com os anseios da Educação Física como componente curricular em consonância com a complexidade dos saberes e do conhecimento pelo que ele [componente curricular] é responsável, fazendo-se como desafios didáticos? (González, 2019, p. 16).

3 PRÁTICA DO SKATE E ESPAÇOS PÚBLICOS DISPONÍVEIS NO MUNICÍPIO DE CUIABÁ: A FUNÇÃO ESTÉTICO-EDUCATIVA E O LUGAR CONFIGURADO PELOS SUJEITOS

Em Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa, a provocação de Viñao Frago e Escolano (2002) nos instigam a relembrar como a Baronesa Almane apresenta sua preferência de acordo com o gosto estético da época ao descrever os jardins, em que confessa seu desagrado em relação aos jardins abruptos, com desníveis.

Malgrado à parte, e superadas as circunstâncias tendentes a sua preferência influenciada pelos ditames da época em favor da simplicidade, neoclássica, regular, horizontal e diáfana estava sob jugo, e decidiu, ao aplainar terrenos, conservar três pequenos montes, não para agradar o prazer de seus olhos, mas para que seus filhos pudessem subir, pois essa movimentação “os diverte e os fortifica”, diga-se para sua educação física ou para seu lazer.

Percebe-se a sensibilidade da Baronesa, pois em sua visão convive a racionalidade com finalidade estética e outra funcional, mas também, racional, contudo capaz de apresentar uma configuração diferente de espaço. De modo que para a Baronesa,

A educação ilustrada, metódica, leva dentro de si, qual um germe, entremeados, aspectos- o jogo, a educação física - que rompem a arquitetura ordenada do jardim neoclássico e abrem os olhos e, com eles, a mente e o corpo, à sensibilidade romântica e ao espaço natural e selvagem, não regulado (Frago; Escolano, 2001, p.137-138).

A exemplo do intento da baronesa com a utilização de aspectos não totalmente racionalizados a partir da organização arquitetônica clássica dos espaços, o *skate* no âmbito da instituição educacional pode ser implementado com vistas a operacionalização de práticas possíveis dentro do contexto do espaço que a escola permite.

Se pensarmos o esporte como instituição social de todo acabada e não como uma construção social constituída a partir de anseios e necessidades postas em seus diferentes tempos de manifestação e sujeitos praticantes, não seria possível abarcar a segunda parte do enunciado do tópico em questão, de que o *skate* em sua função estético-educativa pode ultrapassar essa reprodução do espaço-receptáculo para um lugar configurado pelos sujeitos.

Desse modo, crê-se possível entender que os espaços-lugares que se encontram em Cuiabá para a prática do *skate*, como uma das manifestações possíveis de sujeitos em seu lazer, já estão destituídos da visão do espaço receptáculo. Assim, não mais dado à prática do esporte convencional de rendimento, mas para manifestações esportivas culturais em que os sujeitos podem atribuir sentidos e significados de acordo com as finalidades a que se propõem.

E, assim parafraseando Viñao Frago e Escolano (2001) os *topos* do *Skate* em Cuiabá são espaços e lugares, constituindo-se em algo físico, material, contudo uma construção cultural capaz de gerar “fluxos energéticos”, como construção cultural.

Em Cuiabá temos três espaços públicos que oportunizam a prática do *skate*:

- a) a pista da Orla do Porto, localizada na região central da cidade, que tem uma mini pista com alguns equipamentos que podem ocasionar essa vivência;
- b) a pista do Ginásio Verdinho, localizada na região do Bairro CPA, com equipamentos que atraem os praticantes da modalidade e agrupa número considerável promovendo a troca de experiências e interesses nesse local;

- c) a pista do Pedra 90, localizada na Praça Ana Martinha, região periférica da cidade em que os equipamentos e espaços disponíveis agencia praticantes da modalidade nesse local mais remoto do centro da cidade;

Destacamos que os locais não atendem os padrões oficiais do esporte, não obstante há discussões em curso entre os atletas do estado de Mato Grosso para organizar espaços que atendam esses padrões. Uma argumentação em favor dessa pretensão é que o Brasil é um país que tem atletas de expressão na modalidade e agora o *skate* participando do programa olímpico possa atrair ações nessa direção. Assim, essa reivindicação se tornou mais intensa nas instâncias públicas, mas ainda não teve a repercussão esperada pelos atletas.

O que observamos na intervenção na escola foi um debate mais acalorado nas interações dos alunos, indicando que essas práticas de aventuras urbanas estão mais presentes no seu cotidiano, há a constituição de novos olhares, Na experiência ficaram evidenciados alguns aspectos como: a questão de gênero, o interesse dos alunos pela modalidade e os espaços públicos disponíveis na cidade para essa experimentação.

Determinadas práticas de aventuras no espaço urbano necessitam de arranjos para oferecer condições de execução, nesse sentido essa edificação pode ocorrer espontaneamente arquitetada por seus envolvidos ou pela intervenção pública na construção desses locais. Devemos considerar que esse processo é aberto, movimentando novos empenhos e comportamentos dos sujeitos. Bernardes(2011) observa na atualidade há uma ampliação dessa situação pela configuração espacial e o acesso das pessoas a esses locais.

As atividades de aventura realizadas em ambientes artificiais auxiliaram e auxiliam neste processo de 'desmarginalização' destas práticas, já que possibilitam o seu vislumbamento para um público heterogêneo quanto ao sexo, faixa etária e classes sociais, dado a sua proximidade territorial dos grandes centros urbanos e locais de fácil acesso a grande parte da população (p.110).

A segurança dos usuários no momento de utilização ou intercâmbio com esse cenário é uma reclamação constante no município de Cuiabá, bem como a conservação dos equipamentos necessários para essas manifestações culturais, requerendo a ação do poder público para sua manutenção e revitalização, muitas vezes esses são espaços únicos da apreciação dos jovens para seu lazer ou suas práticas esportivas alternativas.

O espaço, como um dos elementos fundamentais para a vivência do lazer, deve estar situado com grande relevância a partir das políticas urbanísticas da cidade. O que significa dizer, que é necessário haver políticas integradas de diversas áreas para que seja possível a estruturação de espaços para o viver mais humano, onde as pessoas se vejam, se reconheçam, compondo-o, onde a história do povo, que vem sendo negada, esteja refletida nos prédios, ruas, praças, quadras e campos da cidade, como símbolo de resistência (Santos, 2001, p.126).

A identidade/identificação dos sujeitos que fazem uso desses espaços deve ser observada. No nosso caso os alunos como jovens se veem invisíveis, seus desejos e anseios não são acatados por essas ações públicas, excluídos no processo de sua definição e seu atendimento. Tal mitigação das iniciativas, da não escuta dos sujeitos dos diferentes lugares que a juventude ocupa torna-se ainda mais expressiva quando se trata dos bairros periféricos das cidades.

É recorrente na sociedade contemporânea, a ideia de que trabalho e lazer formam uma dicotomia, de modo que quando o centro de gravidade gira em torno do trabalho, a dimensão do lazer, que não se exclui do binômio, se faz em uma dimensão pouco valorizada na constituição dos direitos básicos dos sujeitos, conforme previsto na constituição federal que garante o acesso à cultura e lazer a todos brasileiros.

As estruturas escolares brasileiras ainda não amparam uma efetiva proposta das práticas de aventuras, no entanto as escassas experiências contam com os ajustes possíveis para organizar os procedimentos didático pedagógicos para esse projeto educativo. São construções que atendem uma intenção de ensinar, muito centrada nos esportes tradicionais (futebol de salão, basquete, vôlei e handebol), que necessita prioritariamente de uma quadra pintada com as definições e os materiais (bolas) dessas modalidades. Se pensarmos em

outras abordagens no ambiente escolar, devemos também estabelecer a composição de outros espaços de atendam essa heterogeneidade de interesses postos pelos alunos e assim afirmar o propósito de que a escola deve e pode elaborar estratégias para ensinar e avaliar velhos e novos objetos de ensino em uma perspectiva consoante com a Educação Física como componente curricular como sinaliza a Base Nacional Comum Curricular.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem do *skate* como conteúdo das aulas de Educação Física na intervenção observada teve impacto positivo sobre os alunos dos anos finais do ensino fundamental na escola estadual de Cuiabá-MT.

Os participantes demonstraram interesse pela modalidade, ainda que considerando que esse foco pode ter sido gerado pelas transmissões televisas que pela primeira vez evidenciou esse esporte nas olimpíadas realizadas no ano de 2021 e que teve como principal atração para os alunos o desempenho da jovem atleta Rayssa Leal.

O reconhecimento por parte dos alunos de que a escola pode ser espaço de aprendizado e prática do *skate*, ainda enfrenta obstáculos na implementação/execução: um, a estrutura física das escolas, que são direcionadas às práticas esportivas tradicionais; outro, o preparo dos professores de Educação Física que no seu currículo de formação profissional não dispunham muitas vezes de disciplinas que tratem as práticas de aventuras e seus pressupostos didáticos pedagógicos desta novidade alvissareira.

Esta oportunidade, ainda incipiente, porém com boas possibilidades de prospecção na escola é também vislumbrada na cidade que deve construir espaços públicos de lazer que acolha e estimule as alternativas criativas, como as sinalizadas pelo *skate*, com seus equipamentos específicos da sua prática esportiva, tornando acessível a sua utilização e a divulgação das suas múltiplas manifestações corporais e interações culturais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Paulo Tiago Oliveira; ROCHA, Liana Lima. O *skate* na educação física escolar: possibilidades colaborativas de aprendizagem. **Ensino em Perspectivas, Fortaleza**, v. 2, n. 3, p. 1-9, 2021.

BERNARDES, Luciano Andrade Atividades e aventura em ambientes artificiais. *In*: MARINHO, Alceu; COSTA, Eduardo Tadeu; SCHWARTZ, Gisele Maria(orgs) **Entre o urbano e a natureza: a inclusão da aventura**. São Bernardo do Campo, LEXIA, 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 08 set. 2023.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do futebol**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, v.8, n.1 revisada, 2006.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Prefácio. *In*. BRACHT, Valter. **A educação física escolar no Brasil: o que ela vem sendo e o que pode ser**. (Elementos de uma teoria pedagógica para a educação física). Ijuí: Ed. Unijui, 2019.

MARCELINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas. Autores Associados, 2006.

PÉREZ GÓMEZ, Angel. I. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. *In*: **Compreender e transformar o ensino**. GIMENO

SACRISAN, José.; PÉREZ GÓMEZ, Angel I. São Paulo, Artmed, 1998.

SANTOS, L. S. Belém: direito ao lazer ao direito à cidade. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org). **Lazer e esporte: políticas públicas**. Campinas: Autores Associados, 2001.

TAHARA, Alexander Klein; SOARES, Dandara de Carvalho; DARIDO, Suraya Cristina Estado da arte: práticas corporais de aventuras e Educação Física Escolar. **Arquivos de Ciências do Esporte**, v. 06, nº 03, 2018, p.98-101.

VIÑAO FRAGO, Antônio; ESCOLANO, Austin. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.

i Sobre os autores:

Ana Carrilho Romero Grunennvaldt (<https://orcid.org/0000-0002-4509-2610>)

Possui graduação em Educação Física pela Universidade Estadual de Londrina (1988), mestrado em Educação Física pela Universidade Gama Filho (1999) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2005). Tem experiência na área de pesquisa em Educação, com ênfase na Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: educação física, educação, história da educação e prática pedagógica. Atualmente é professora da Universidade Federal de Mato Grosso(UFMT). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional com Polo na Faculdade Educação Física da UFMT com Coordenação Nacional da UNESP

Geander Franco de Araujo – (<https://orcid.org/0009-0007-3549-1750>)

Professor na Rede Estadual de Educação de Mato Grosso, atuando atualmente na ETI Vocacionada ao Esporte Clêina Rosalina de Souza. Graduado em Licenciatura e Bacharelado em Educação Física, da Faculdade de Educação Física, da Universidade Federal de Mato Grosso - Campus Araguaia e Cuiabá por meio de Mobilidade Acadêmica. Mestre em Educação Física pelo Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso.

José Tarcísio Grunennvaldt – (<https://orcid.org/0000-0002-5040-2679>)

Graduado em Educação Física pela Universidade de Passo Fundo (1985). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (1997). Doutor em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005). Pós-doutor em Educação Física - Universidade Federal de Santa Catarina (2012). Atualmente é Professor Titular, Aposentado da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Ministra disciplina e conduz orientações no Mestrado Profissional (Proef) da UFMT. Tem experiência na área de Educação e Educação Física com ênfase em História da Educação, Educação Física e esporte. Coordena projetos de pesquisa com os seguintes temas: educação física escolar, esporte, instituições educativas, ensino militar, processo civilizador e envelhecimento humano.

Como citar este artigo:

GRUNENVALDT, Ana Carrilho Romero; ARAÚJO, Geander Franco de; GRUNENVALDT, José Tarcísio. Lazer, skate e escola: questões que perpassaram o cotidiano de uma escola pública de ensino fundamental de Cuiabá. **Revista Educação Cultura e Sociedade**. vol. 14, n. 1, p. 198-206, 29ª Edição, 2024. <https://periodicos.unemat.br/index.php/recs>

A **Revista Educação, Cultura e Sociedade** é uma publicação da Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil, iniciada em 2011 e avaliada pela CAPES.

Indexadores: DOAJ – REDIB – LATINDEX – LATINREV –
DIADORIM –SUMARIOS.ORG – PERIÓDICOS CAPES –
GOOGLE SCHOLAR